

Na calma solidão do bosque, no silêncio eloquente das paragens ermas, a alma se dispõe a ouvir a voz de Deus no íntimo da sua consciência. Feliz o que aprendeu a ouvi-la atentamente, empenhando-se em pautar tôda a sua vida pelos sublimes ensinamentos do Evangelho.

ANO LX

SÃO PAULO, 23 - XI - 1958

NÚMERO 44

Ave
maria

Ela nos aquece o coração

Cavaleiros andantes do amor, peregrinam nossos corações na terra, sempre órfãos do Ideal imenso e formoso que anelamos abraçar.

Ainda aos amores mais castos e inebriantes, mesmo aos afetos mais puros e autênticos, falece aquela perenidade de presença, continuidade de posse, manutenção de intensidade, mercê de que eles se assemelham a efêmeras flôres que murcham, a crepúsculos de ouro logo adormecidos em trevas.

Levantamo-nos para o céu, e atiramos as flechas de nosso desejo ao Alvo Inatingido e devorante.

E nos parece demasiado o saboroso Oceano daquela imensidade, para conter-se no pequenino receptáculo (a impressão de um dedo de criança na silenciosa areia da praia) de nosso coração.

E então, desde pequeninos, desde a primeira experiência de buscar deveras um Amor que acalente em doçuras incessantes, nós achamos Nossa Senhora.

Descendo um degrau no amor-dedicação e entrega, com que nos escravizamos a Deus, aprendemos a nos aquecer, deliciadamente, ao carinho de Maria, a Mãe do Céu, a quem amamos de todo o coração e sobre tôdas as coisas.

* * *

As chamas do Purgatório são um amado castigo.

Devoram culpabilidades e aquecem amores.

Queimam e purificam, mas ardem e inflamam.

Ali se ama a Deus. Ao Pai que concede um salutar banho de expiação, para as impolutas recepções gloriosas do Paraíso.

Ali, o amor de Nossa Senhora é a mais bela flama.

Só aquece e ilumina, só intensifica e já recompensa, a corações fiéis.

Como amor autêntico, é uma revelação, uma entrega, uma salvação.

Conhecem as almas os caminhos de ternura da Senhora que os tutelou. Aceitam, confiantes, as certezas daquela dádiva, arras de sua libertação. E fruem na sua resignada expiação a mais fulgurante das certezas, a salvação mercê do amor de Nossa Senhora!

E quando a Soberana as vem libertar, fá-lo com o mais lindo de seus sorrisos, o mais terno de seus amplexos, o mais maternal de seus ósculos...

* * *

A medula do Paraíso é o amor.

A essência de Deus é a caridade, e o céu é o império do Amor que delicia, que encanta, que extasia e arrebatá, para sempre.

As almas bemaventuradas, na posse e na fruição de Deus, comungam amor.

Fazem-se hóstias, numa transfiguração de afeto, e se dão, ao Senhor e aos corações amados, como felizes eucaristias de amor imortal.

Mas nesse câmbio inefável entre Deus — Amor e as almas flamantes, Maria é o Altar, o Cálice, a Patena de ouro.

Porque foi o seu Coração que mais amou. Que conteve a Deus e que recebeu todos os corações.

Que fez para Deus-homem a para todos os homens, um paraíso de amor na terra e a mais brilhante flama de afeto no céu.

Mãe do Amor Formoso, Céu de Amor Inebriante, Paraíso de nunca sonhadas delícias, Amor Infinito de Deus feito idolatrada Chama de nosso afeto, agora enfim recompensado e satisfeito, feliz e dilatado na posse arrebatadora do mais formoso de todos os corações...

ESCREVEU

Antonio Maria Alves de Lencastre
C. C. C.

À MARGEM DO EVANGELHO

VIGÉSIMO SEXTO DOMINGO DEPOIS
DE PENTECOSTES

O presente Evangelho, que encerra o ano litúrgico (o ano litúrgico não coincide com o ano civil), tem escuridões apavorantes, listadas da clareza rápida dos relâmpagos, que infundem maior medo ainda. Jesus, com tintas carregadas, traça e colore o espetáculo majestoso do Juízo universal, demorando-se antes em descrever, profeticamente, a destruição de Jerusalém, porque a tragédia de Jerusalém tem a natureza de símbolo dos derradeiros acontecimentos do mundo.

No entanto, este quadro não apresenta aspectos de terror unicamente. Na Idade Média era com medo que se ouvia esta página de S. Mateus. Os cristãos primitivos, porém, consideravam nela o triunfo definitivo de Jesus, ao qual se une estreitamente o nosso próprio triunfo.

É exatamente o que se deu com o crucifixo. Os primeiros cristãos, quando riscavam as duas travessas da cruz e se punham a orar diante dela, não pretendiam comemorar a cruz do Calvário, mas a cruz gloriosa, o estandarte que Cristo trará ao vir julgar os vivos e os mortos. Por isso, a imagem do crucificado não abria os braços sobre aquelas cruces. Já os cristãos medievais passaram a considerar a cruz dolorosa. Encheram-se de admiração pelo amor de Jesus, fartaram-se de dó pelos seus sofrimentos, multiplicaram as contrições pelos pecados, causa de semelhante martírio. Daí por diante, nunca mais faltou o corpo em chagas de Jesus pendente do lenho santificado.

Qual desses dois sentimentos deve ganhar nosso coração e levá-lo após de si? Talvez, o mais conveniente seja combinar essas duas tendências, ao nos ocuparmos da passagem evangélica deste domingo.

Primeiramente, deixemo-nos penetrar por esse ambiente de susto e pavor, preocupando-nos seriamente com as contas que temos de prestar ao Juiz divino. Tratemos de não aumentá-las e descontar os males passados com a contrição, a penitência e a satisfação por meio de boas obras.

Depois, passemos a antegozar a vitória de Jesus Cristo, que inclui a nossa, pôsto que somos seus fiéis discípulos. Porque, se o pensamento do Juízo com a sentença que o segue nos resguarda de pecar, o pensamento da glória final e absoluta de Jesus e nossa levanta-nos o ânimo, estimula-nos a atividade para conseguirmos positivamente as virtudes e trabalharmos pela extensão do reino de Cristo na terra.

O medo nos tolhe o movimento. O medo do Juízo final nos impedirá os movimentos que buscam os pecados. Mas a esperança nos impulsiona para a ação. A esperança de nossa vitória unida à de Cristo nos derradeiros dias nos impulsionará para as virtudes e lutas.

(S. Mateus, 24, 15-35)

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos:

“Quando, pois, virdes a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel, posta no lugar santo, o que lê, entenda. Então, os que se acham na Judéia, fujam para os montes, e o que se acha sobre o telhado, não desça para tomar coisa alguma de sua casa, e o que está no campo, não volte a tomar sua túnica. Ai das grávidas e das que tiverem crianças de peito naqueles dias! Rogai, pois, que não seja a vossa fuga no inverno ou em dia de sábado. Porque então será grande a aflição, como nunca foi desde o princípio do mundo até agora, nem jamais será. E, se não se abreviassem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma; serão, porém, abreviados aqueles dias em atenção aos escolhidos.

Então, se alguém vos disser: Eis aqui está o Cristo, ou: Ei-lo acolá, não creais. Porque se levantarão falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes milagres e prodígios de tal modo, que, se fôsse possível, até os escolhidos se enganariam. Eis que eu vo-lo predisse. Se, pois, vos falarem: Eis que ele está no deserto, não saiais; ei-lo no interior da casa, não deis crédito. Porque, assim como o relâmpa-

go sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Em qualquer lugar em que estiver o corpo, aí se ajuntarão também as águias.

E logo depois da tribulação daqueles dias, escurecer-se-á o sol, e a lua não dará sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as colunas dos céus se abalarão. E então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu, e então todos os povos da terra chorarão, e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. E mandará seus anjos com trombetas e com grande voz, e juntarão seus escolhidos dos quatro ventos duma extremidade do céu até a outra.

Ouvi uma comparação tirada da figueira: quando seus ramos estão tenros e brotam as folhas, sabeis que está perto o estio. Assim também, quando virdes tudo isso, sabeis que está perto, às portas.

Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que se cumpram todas estas coisas. O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão”.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C. M. F.

Aniversário de S. S., o Papa João XXIII



O PRÓXIMO DIA 25 DE NOVEMBRO marca a data de aniversário do recém-eleito e coroado Papa João XXIII. As cerimônias da sua coroação, realizadas na Basílica de São Pedro dia 4 de novembro p.p., revestiram-se de extraordinário brilho e esplendor.

Agora, como que prolongando estas festividades da eleição e coroação, a Cristandade inteira festejará, no próximo dia 25 de novembro, o 77.º aniversário natalício de Sua Santidade, o Papa João XXIII. "Que o Senhor no-lo conserve ainda por muitos anos"!

A quarta Quinta-feira do mês de Novembro — dia universal de ações de graças a Deus nosso Senhor

O próximo dia 27 de novembro — quarta Quinta-feira do mês — é o dia universal consagrado a dar graças a Deus pelos dons e benefícios concedidos à humanidade inteira neste ano que entra em seu crepúsculo.

A maioria das Nações do mundo inteiro já aderiram a essa campanha muito humana e muito cristã, idealizada pelo grande diplomata brasileiro — Joaquim Nabuco e amparada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Um boletim especializado vem arquivando em suas páginas as múltiplas e contínuas adesões de muitas nações do globo, de bispos, presidentes e governadores, a esta louvável iniciativa.

Entre outras adesões temos o prazer de publicar nestas páginas traduzida ao vernáculo, a do Revmo. Pe. Pedro Schweiger, C.M.F., Superior Geral da nossa Congregação de Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, redigida em latim e enviada ao Centro Nacional pró Dia Universal de Ações de Graças.

CURIA GENERALIZIA
DELLA CONGREGAZIONE CLARETIANA
ROMA (143) — Via S. Cuore di Maria, 5

Il Superiore Generale.

Illustrissimo Senhor e Presidente!

É com sumo prazer e muito cordialmente que lhe envio esta carta de congratulação e de adesão à laudabilíssima campanha promovida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no sentido de consagrar, anualmente, um DIA UNIVERSAL DE AÇÕES DE GRAÇAS A DEUS, pelos benefícios Dêle recebidos. E se é justo e condigno dar graças a Deus, em todo o tempo e lugar, isto se torna, em nossos dias, uma verdadeira obrigação para a humanidade contemporânea e para as nações tôdas, tão paternalmente assistidas pela Divina Providência. É sumamente dignificante e consolador presenciar a humanidade inteira e todos os povos irmanados num comum agradecimento a Deus, num mesmo dia do ano, associando-se assim ao Côro dos Anjos do Céu que, sem cessar, cantam um hino de ação de graças ao Deus onipotente e eterno e ao Nosso Salvador.

Augurando-lhe muitas felicidades, com afeto em Cristo,

*P. PETRUS SCHWEIGER, C.M.F.
Superior Generalis.*

Romae, die 7 octobris 1958.

A ARGENTINA E O DIA UNIVERSAL DE AÇÃO DE GRAÇAS

Rio — O Episcopado da Argentina, em memorial dirigido ao Poder Executivo da vizinha República, acaba de solicitar a derrogação de um decreto de 1948, pelo qual foi declarado o dia 30 de agosto como "Dia Nacional de Ação de Graças". Ao mesmo tempo, pede o Episcopado que aquela celebração seja transferida para a quarta quinta-feira do mês de novembro, data internacionalmente adotada para tal. Explica o memorial que a "Cruzada Pró Dia Universal de Ação de Graças", surgiu da iniciativa do "ilustre diplomata brasileiro Joaquim Nabuco e lembra que, em 17 de agosto de 1949, foi sancionada a lei brasileira que fixou a data do "Dia de Ação de Graças" no Brasil e que, nesse mesmo ano, Sua Santidade o Papa Pio XII manifestou a um grupo de católicos que o visitaram o desejo de que aquela prática chegasse a ser universal. O memorial em aprêço, que tem o propósito expresso de promover a adesão da Argentina à iniciativa de Joaquim Nabuco, foi preparado pelo Cardeal Antônio Caggiano, Presidente da Conferência Episcopal Argentina.

A diferença entre a música e o ruído...

Se uma corda de violão vibra durante meio minuto, dá sucessivos impulsos no ar que a rodeia, e sempre com intervalos regulares. Certa nota os fará, por exemplo, de dois em dois milésimos de segundo. O resultado é que ao nosso tímpano é transmitida uma vibração regular, isto é, formada por movimentos de vaivém que levam sempre igual tempo a se sucederem.

Vemos, portanto, que o som musical tem uma importância característica. As vibrações que o caracterizam se repetem durante certo tempo, e sempre a intervalos iguais.

Os ruídos, ao contrário, são produzidos por vibrações irregulares, isto é, que se sucedem a intervalos desiguais; resultam de vibrações de vários tipos misturadas.

Não sabemos com rigor por que é agradável o efeito produzido no ouvido pelas ondas regulares e por que é desagradável o que nele produzem as ondas irregulares. Todavia parece natural que uma série regular e contínua de impulsões, contanto que não sejam demasiado fortes, impressionem de modo agra-

dável a parte do cérebro em que reside a faculdade de ouvir.

A diferença entre a música e o ruído pode ser comparada com a que existe entre embalar uma criança e sacudi-la. A sensação que o corpo experimenta ao ser embalado com regularidade é agradável e calmante, ao passo que a produzida por uma série de sacudidas desordenadas é em extremo irritante.

Pouco nos falta dizer sobre o ruído; produzido por ondas irregulares, nele nada há definido que seja possível estudar; ao passo que é pelo contrário, de extrema importância o estudo das ondas definidas e regulares que produzem os sons musicais. Talvez o único ponto digno ainda de menção, em tal assunto, seja o efeito poderoso que exercem no cérebro quando se produzem inesperadamente. O fato de um ruído poder causar sobressalto foi, sem dúvida, a princípio, de grande utilidade, pois constituía um aviso salutar para os homens primitivos e para os animais, na aproximação de inimigos ou de qualquer sorte de perigos.

Deus e as leis da Igreja. É verdade que você tem boas qualidades, como por exemplo, o altruísmo. Mas não me diga que isso foi por causa de não ir mais à igreja. Nenhum sacerdote, na igreja, ensina a ser egoísta, malvado, ladrão, etc.

Se você ainda conserva boas qualidades, isto será por outros motivos; por exemplo, o influxo, talvez até inconsciente, do ambiente cristão e morigerado em que você viveu, quando menino; ou a educação religiosa dos pais, mestres e educadores; as boas leituras; ou ainda, a própria idade em que o você se encontra, porque, quando se torna já um pouco velho, é muito natural que se torne um pouco mais comedido e morigerado, porque, com a idade, certas manias de juventude se extinguem e certas paixões se aquietam, e porque, finalmente, a essa altura da vida já se convence de que é necessário praticar alguma boa ação.

Se você, meu amigo, deseja tornar-se melhor, de verdade, e verdadeiramente cristão, retorne, quanto antes, à igreja de Cristo, onde recebeu o santo batismo e fêz a primeira comunhão, no dia mais lindo da sua vida, e onde, em saudoso dia, o sr. se uniu em santo consórcio com aquela jovem que escolheu por companheira na vida, e que, talvez, hoje não aprova esta sua conduta arredia da Casa do Pai.

P. A.

—:o:—

— Santo Padre, tenha dó de mim — dizia ao Santo Pio X uma senhora enferma — a um santo, Deus nada pode negar.

— Errou por uma letra, minha senhora; eu sou Sarto.

Essas extraordinárias "Luizas de Marillac"

Pe. Adalberto P. Nunes, SDS.

Essas "Luizas de Marillac" são simplesmente moças extraordinárias.

Num mundo impregnado de hedonismo, que faz de muitos jovens incautos suas primeiras vítimas, surgem essas moças admiráveis, que saem do conforto de seus lares, sacrificam suas comodidades e se esquecem de si mesmas para fazerem caridade, com letra maiúscula.

Tenho visto exemplos admiráveis que essas donzelas estão realizando por toda a parte, onde, uma "Luiza de Marillac" aparece com sua simpatia, sua simplicidade e seu amor devotado à causa do próximo.

No Rio de Janeiro, "O GLOBO" vem divulgando os extremos de caridade a que essas moças chegam. Muitas delas são de famílias ricas e têm tudo para se distrair. E que fazem? Vão aos asilos de velhos, de desamparados e de esquecidos. Levam suas vistosas harmônicas e outros instrumentos. Promovem verdadeiros "show" para os velhinhos, realizam o "Dia do Vovô", fazem velhinhos sorrirem e outros, que nunca tiveram carinho, a experimentar-no pela primeira vez; levam presentes para os asilados e envolvem os asilos, orfanatos e outras instituições de caridade numa atmosfera de carinho, compreensão doçura e respeito.

A caridade de Cristo é que faz mover êsses corações juvenis.

É tão bonito e tocante os clichês que o "GLOBO" freqüente-

mente publica: velhinhos, já no entardecer da vida, envolvidos no carinho dessas moças que os procuram para dar-lhes um pouco de amor e de caridade. E fazem tudo isto com simplicidade, porque a caridade cristã é mesmo simples. E fazem sorrindo, num sorriso solto e despretençioso.

Como é grande a caridade cristã!

Em São Paulo as "Luizas de Marillac" fazem também maravilhas. São jovens e de lares ditosos, como o são as suas companheiras do Rio. No dia 27 deste mês de Setembro, elas concentraram 1.000 anciões na Praça da Sé, onde os velhinhos assistiram a missa em ação de graças. Da Praça da República à Praça da Sé foi feita a passeata dos velhinhos.

Que espetáculo bonito: moças, no esplendor de sua juventude, fazendo alegrar a homens e mulheres, no ocaso de uma vida longa e desconhecida!

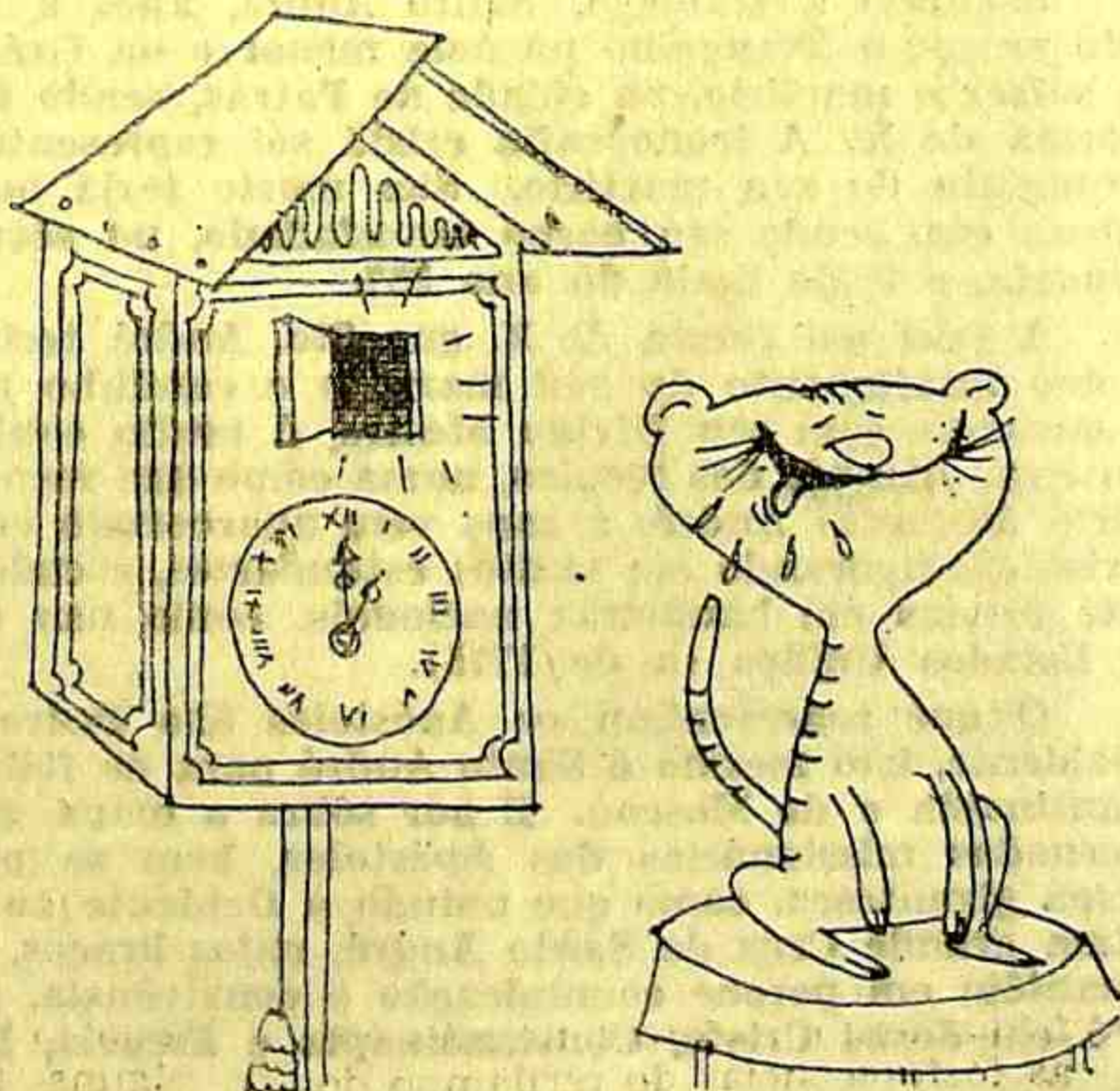
—:o:—

— Uma pequenita foi pela primeira vez à missa, acompanhada com qualquer pessoa de família. Ao regressar à casa, a mãe perguntou-lhe: — Então, Rosinha, foste uma boa menina hoje, na igreja?

— Fui, sim mãezinha — respondeu a criancinha. Um homem ofereceu-me uma grande bandeja com dinheiro e eu disse-lhe: "Não, muito obrigada".

CONVÉM SABER...

- Pimenta do reino, em pó, pulverizada nas estantes dos livros e nas prateleiras, afugenta baratas e traças.
- Quando a carne que se cozinha está na panela e necessitamos de acrescentar mais água devemos dar preferência à água quente, pois a fria endurece a carne.
- A comida salgada em demasia torna-se novamente tragável se repetirmos a fervura com uma batata crua ou com uma colher de prata.
- A vitamina G é excelente para combater distúrbios nervosos. É encontrada, em grande quantidade nas carnes magras.
- Não se lava porcelana com água muito quente.





BAURU: Da. Olga de Moraes Pacheco. — LUZ: Da. Maria Alzira da Silva. — LIMBEIRA: Da. Maria Battistella Decarli. — RIO GRANDE: Da. Giovanna Ballester. — MATAO: Da. Antônia Tortorelo. — NOVA LIMA: Sr. Everaldo Ferreira da Silva. — SÃO JOÃO DA BOA VISTA: Da. Angelina Delarole. — SANTO ANTONIO DO AMPARO: Da. Marieta de Campos, Da. Maria de Castro Avelar. — BRANGANÇA: Da. Júlia Cintra Vieira, Edivaldo Faria, Da. Conceição Vieira Faria. — VARGINHA: Da. Maria Auxiliadora de Rezende Salgado. — ITU: Da. Adelina Gianini. — LAVRAS: Da. Maria Pereira Baixo. — MATAO: Da. Adail Emília da Silva. Uma Devota. — JUNDIAI: Da. Arminda Laranja de Meneses. — PELOTAS: Da. Zina de Moraes. — MARZAGÂNIA: Da. Maria da Conceição Telles, Da. Durvalina Rosa Alvarenga. — BELO HORIZONTE: Da. Joanna Torelli Scarpelli. — SÃO SEBASTIAO DO PARAISO: Sr. José Brandão. — IBITIUIVA: Da.

Pacífica Minatti Benetti. — BARRI: Da. Rosa Pinez Piloto — ABRE CAMPO: Sr. Francisco de Assis Medeiros. — URUGUAIANA: Da. Nazinha Jacques. — SACRAMENTO: Da. Maria de Lourdes Estival Melo, Da. Terezinha Manzan Estival, Da. Maria Abadia Alves Estival. — SÃO PAULO: Da. Ester de Aquino, Sr. José Manuel Corrêa. — BELO HORIZONTE: Da. Jovelina Nepomuceno. — SÃO MANUEL: Uma Devota. — CONCHAS: J. B. Fernandes. — ALFENAS: Da. Maria da Conceição Carvalho Leite. JUIZ DE FORA: Da. Vileta Rabelo. — OURO PRETO: Sr. Rômulo Caravelli. — ARAGUARI: Alair de Melo Oliveira. — ITAJUBÁ: Da. Mirtes Pascoalino Canhoto, Da. Palmeirinda Canhoto Xavier, Da. Joana Gonçalves. — SOROCABA: Da. Maria Vendite. — SANTOS: Da. Margarida Guilherme, Da. Maria do Carmo Costa, Da. Maria do Carmo Pôrto, Da. Maria Lasálvia, Da. Minervina Guimarães Mourão. — SÃO VICENTE: Da. Alice Montenegro.

BOLSA PIO XII

Abrimos para os leitores e amigos da AVE MARIA a "Bolsa Pio XII" em favor dos Seminários Claretianos.

Sua Santidade em vida mostrou sempre o maior interesse pelos seminários; hoje, desde o céu, há de ver com suma satisfação nosso aprêço e generosidade em em ordem às vocações sacerdotais.

A "Bolsa Pio XII" oferece aos devotos do saudosíssimo Pastor Angélico ocasião de render cara homenagem aos seus anelos de serem muitos e santos os Sacerdotes do Deus Altíssimo.

*Pe. José de Matos Pereira,
C.M.F.*

Diretor das Vocações
Claretianas.

AGRADECEMOS A SANTO ANTONIO MARIA CLARET:

- a cura de meu marido. Maria José Moreira Gomes, de Santos.
- ter sarado duma inflamação no ouvido. Uma devota, de Amparo.
- sua proteção em favor de Antônio de Castro Queiroz e família num desastre de automóvel. Clymene Brandão, de Ouro Preto.
- o parto feliz de minha filhinha que se chama Maria Claret. Estelita Machado, de Brusque.
- ter meu filho sarado de inflamação na garganta e ter abençoado minha espôsa. Gersino Sita, de Londrina.

TRANSCREVEMOS, por nossa conta, a carta de d. Maria Rufina Vaz. Se ferimos a modéstia de sua família, é para que sirva de exemplo a outros muitos lares e para maior glorificação de Santo Antônio Maria Claret.

"Revmo. Padre José de Matos Pereira, C.M.F.,

Louvado seja N. S. J. C.

Envio-lhe a fotografia de meu filho Francisco Claret. Assino a "Ave Maria" há 50 anos; sempre fui devota de Santo Antônio Maria Claret. Quando nasceu meu caçula quis fôsse ele abençoado pelo Santo e o batizei com o nome de Francisco Claret. Mostrou-se sempre um menino bom e religioso; hoje é médico, casado, com três filhos. Tôdas as primeiras sextas-feiras, com a mulher e o filho mais velho, faz a sagrada comunhão. Não é bonito e consolador? Tudo isso eu atribuo ao meu Santo Antônio Maria Claret.

Serva em Jesus e Maria,

Maria Rufina Vaz."



*Dr. Francisco Claret,
de Jardinópolis.*

OS NOIVOS

par uma palavra sobre o perigo, quem fizesse menção de peste, era acolhido com chalaças incrédulas, com desprezo iracundo. A mesma descrença, ou, por melhor dizer, a mesma cegueira e obstinação prevalecia no Senado, no Conselho dos Decuriões, em cada magistrado.

Verifico que o Cardeal Frederico, apenas se soube dos primeiros casos de mal contagioso, por carta pastoral dirigida aos párocos prescreveu, entre outras coisas, advertissem muitas e muitas vezes o povo sobre a importância e a obrigação estrita de revelar qualquer acidente dessa natureza, e de fazer entrega dos objetos infetados ou suspeitos*: e também esta pode ser computada entre as suas louváveis singularidades.

O tribunal da Saúde pedia, implorava cooperação, mas pouco ou nada obtinha. E, no próprio tribunal, a solicitude bem longe estava de igualar a urgência: como afirma muitas vezes Tadino e como ainda melhor se evidencia de todo o contexto do seu relato, eram os dois médicos que, convencidos da gravidade e da iminência do perigo, estimulavam aquela corporação, que depois tinha de estimular os outros.

Já vimos como, ao primeiro anúncio da peste, andava ele frio em agir, antes em se informar: eis agora outro fato de lentidão não menos portentosa, se todavia não era forçada por obstáculos interpostos por magistrados superiores. Aquele edital sobre os passaportes, resolvido a 30 de Outubro, só foi redigido no dia 23 do mês seguinte, e só foi publicado a 29. A peste já havia entrado em Milão.

Tadino e Ripamonti quiseram registrar o nome daquele que foi o primeiro a trazê-la, e outras circunstâncias da pessoa e do caso: e, de fato, ao se observarem os primórdios de uma vasta mortandade, em que as vítimas, longe de serem distinguidas por nome, apenas se poderão indicar aproximadamente pelo número dos milhares, nasce uma não sei que curiosidade de conhecer os primeiros e poucos nomes que puderam ser anotados e conservados: esta espécie de distinção, a precedência no extermínio, parece fazer achar nêles, e nas particularidades aliás mais indiferentes, alguma coisa de fatal e de memorável.

Dizem ambos os historiadores ter sido um soldado italiano a serviço da Espanha; no resto, não estão bem de acôrdo, nem mesmo sobre o nome. Consoante Tadino, foi um tal Pietro Antônio Lovato, aquartelado no território de Lecco; segundo Ripamonti, foi um tal Pier Paolo Locati, aquartelado em Chiavenna. Divergem também quanto ao dia da entrada dêle em Milão: o primeiro situa-a a 22 de Outubro, o segundo em igual dia do mês seguinte; e não se pode estar nem com um nem com outro. Ambas as épocas estão em contradição com outras mais bem averiguadas. Todavia Ripamonti, escrevendo por ordem do Conselho Geral dos Decuriões, devia ter às suas ordens muitos meios de colher as informações necessárias; e Tadino, em razão do seu emprêgo, podia, melhor do que qualquer outro, ser informado de um fato dêste gênero. De resto, pelo cotejo de outras datas que, como dissemos, se nos afiguram mais exatas, resulta ter sido antes da publicação do edital sobre os bilhetes de saúde; e, se valesse a pena, poder-se-ia também provar, ou quase, que deve ter sido nos primeiros dias daquele mês; mas certamente o leitor nos dispensa disto.

Seja lá como fôr, entrou êsse desventurado sol-

dado de infantaria e portador de desventura, com uma grande trouxa de roupas compradas ou roubadas a soldados alemães; foi ficar na casa de uns parentes seus, no subúrbio da Porta Oriental, próximo aos capuchinhos; apenas chegado, adoeceu; foi levado para o hospital, onde um bubão que lhe descobriram debaixo de uma das axilas pôs aqueles que o tratavam em suspeita do que aquilo era de fato; no quarto dia, morreu.

O tribunal da Saúde mandou segregiar e sequestrar em casa a família dêle; as suas roupas e a cama em que êle tinha estado no hospital foram queimadas. Dois serventes que haviam tratado dêle, e um bom frade que lhe assistira, também caíram doentes dentro de poucos dias, todos três de peste. A dúvida que naquele lugar se havia nutrido desde o principio sobre a natureza do mal, e as cautelas usadas em consequência, fizeram com que o contágio ali se não propagasse ainda mais.

Mas o soldado havia deixado lá fora uma semente que não tardou a germinar. O primeiro a quem ela atacou foi o dono da casa onde êle se havia alojado, um tal Carlo Colonna, tocador de alaúde. Então, por ordem da Saúde Pública, todos os moradores daquela casa foram levados para o lazareto, onde a maioria adoeceu; alguns, morreram pouco tempo depois, de manifesto contágio.

Na cidade, o contágio que se havia disseminado por essas pessoas, pelas suas roupas, pelos seus móveis, subtraídos por moradores, por pessoas de serviço, às pesquisas e à incineração prescritas pelo tribunal, e ademais o contágio que ali entrava de novo, pela imperfeição dos êditos, pela incúria em executá-los e pela habilidade em burlá-los, foi-se incubando e alastrando lentamente por todo o resto do ano e nos primeiros meses do de 1630 subsequente. De quando em quando, ora neste, ora naquele bairro, êle atacava alguém, alguém morria: e a própria raridade dos casos afastava a suspeita da verdade, confirmava sempre mais o público naquela estúpida e mortífera confiança de que não havia peste, nem a tinha havido sequer um momento. Muitos médicos, ainda, fazendo éco à voz do povo (seria ela, também neste caso, a voz de Deus?), ridicularizavam os augúrios sinistros, as advertências ameaçadoras dos poucos; e tinham prontos nomes de doenças comuns para qualificarem cada caso de peste que fôssem chamados a tratar, qualquer o sintoma, qualquer o aspecto com que aparecesse.

Os avisos dêstes acidentes, mesmo quando chegavam à Saúde Pública, as mais das vezes já chegavam tarde e incertos. O terror da quarentena e do lazareto aguçava todos os engenhos: não se denunciavam os doentes, subornavam-se os coveiros e seus superintendentes; até de subalternos do próprio tribunal, delegados por êste para visitarem os cadáveres, obtiveram-se por dinheiro atestados falsos.

Como, entretanto, a cada descoberta que lhe era dado fazer, o tribunal ordenava incinerar têres, punha em sequestro casas, enviava famílias para o lazareto, assim é fácil deduzir quão grande era contra êle a ira e a murmuração do público, "da Nobreza, dos Comerciantes e da plebe", diz Tadino; convencidos, como estavam todos, de que aquilo eram vexames sem motivo e sem proveito. O ódio principal recaía sobre os dois médicos: o supracitado Tadino, e Senatore Settala, filho do protomédico; a tal ponto que êles já não podiam atravessar as praças públicas sem serem assaltados por desaforos, quando não por pedradas. E certamente foi singular, e merece dela se faça memória, a condição em que, por alguns meses, se acharam êsses homens, de verem avançar um horrível flagelo, de se afanarem por todos os modos para desviá-lo, mas de encontrarem óbices onde pró-

(*) Vita di Federigo Borromeo, compilata da Francesco Rivola, Milano, 1666, pag. 582.

(Continua)